

ORALIDADE E LETRAMENTO EM CÍRCULOS LITERÁRIOS

Almirene Maria Vital da Silva SANT'ANNA
Ana Valéria Silva PINHEIRO

Universidade Estadual de Feira de Santana
almirenes@hotmail.com
anavaleria.pinheiro@gmail.com

Resumo: A oralidade é uma prática social e como tal favorece a comunicação e a interação entre os sujeitos. É através dela que o indivíduo age sobre o ouvinte, estabelecendo vínculos e realizando os atos de fala. O letramento, por outro lado, envolve diversas práticas sociais tanto orais quanto escritas, contribuindo para a efetivação da comunicação entre as pessoas. Assim, nesse artigo, far-se-á uma abordagem sobre a relação entre esses dois eventos através de experiências adquiridas com a Tertúlia Literária, encontro realizado em uma instituição escolar por meio de trocas de conhecimentos entre professores e pais de alunos, com vivências e experiências diversas compartilhadas a partir da leitura e interpretação de textos literários, com o objetivo de socializar a leitura de textos e compartilhar conhecimentos com pessoas que possuam diferentes experiências de letramento, desde o analfabeto até o graduado, demonstrando que a noção de interpretação não está vinculada à formação intelectual e sim ao conhecimento de mundo que cada indivíduo traz consigo.

Palavras-chave: Oralidade; Letramento; Tertúlia Literária; Sujeito.

1 Introdução

A linguagem oral está sempre presente no cotidiano das pessoas, embora as escolas não privilegiem o trabalho com essa modalidade da língua em suas atividades pedagógicas. Acredita-se que a resistência em incentivar o estudo sobre a oralidade se deva ao fato de que ao chegar à escola, o indivíduo já tem conhecimento sobre essa modalidade e, dessa forma, não há necessidade de sua inserção como objeto de estudo. De acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 150), a maioria das crianças possui um domínio muito bom do oral quando entra para a escola. Conversam com seus pares sobre família, contam acontecimentos vividos de maneira sofisticada, discutem problemas de sua época, pedem informações [...], ou seja, tem conhecimento amplo sobre a oralidade, o que demonstra a utilização da fala em diferentes contextos, apesar de, na escola, ela não ser vista como objeto de estudo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), entretanto, recomendam o ensino da língua oral e sugerem uma abordagem através de diversos gêneros orais que contribuam para

a valorização dessa modalidade de linguagem, assim, percebe-se a importância do estudo da oralidade como uma forma de resgate às origens dos falares que o indivíduo adquire antes mesmo de entrar na escola.

Os estudos sobre letramento, por outro lado, ainda são vistos de forma difusa pelos sujeitos, uma vez que o conceito desse evento não está suficientemente claro na visão dos profissionais que abordam esse fenômeno.

Para Soares (2002) letramento é o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita, Street (2010), propõe o modelo autônomo e ideológico de letramento, considerando que no primeiro a aprendizagem acontece de maneira uniforme e no segundo acontece de forma diferente para cada indivíduo porque se realiza em diversos ambientes; Kleiman (1995), tem uma visão parecida com a defendida por Street e acrescenta que a escola é a mais importante agência de letramento, sem desmerecer as outras instituições das quais os indivíduos participam como a igreja, a família e demais grupos sociais consideradas como agenciadoras do letramento ideológico. Ou seja, a visão sobre letramento está vinculada à aprendizagem da leitura e da escrita, mas também envolve o conhecimento de mundo do sujeito.

Dessa forma, considera-se que tanto a oralidade quanto o letramento devem fazer parte da vida dos indivíduos, estejam esses eventos ligados ou não à escola. Por isso, o trabalho com a Tertúlia Literária, encontro que promove leitura e discussão de textos literários, é realizado através do envolvimento da família do estudante com professores da unidade escolar, a fim de promover uma interação família/escola, além de contribuir para a socialização da leitura no ambiente familiar.

Assim, nesse artigo, far-se-á uma abordagem sobre o conceito de oralidade e letramento sob uma perspectiva social, sobre a Tertúlia Literária e sua importância na instituição escolar e, por fim, como esses encontros em círculos de leitura podem contribuir para a integração da família com a escola promovendo a troca de conhecimento e o enriquecimento cultural dos indivíduos que participam desse evento, independente de sua formação intelectual.

2 Letramento e oralidade sob a perspectiva social

O sentido dado hoje para letramento vem da palavra *literacy*, que significa estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Nesse conceito está implícita a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e

linguísticas, quer para o grupo social em que está introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la.

É possível avaliar onde existe letramento? O conceito desse fenômeno está claro para todo indivíduo? Uma pessoa analfabeta tem condições de fazer inferências e interagir com outra em atividades de prática de leitura?

Com base nesses questionamentos, observa-se que Soares (2002), fala sobre o letramento individual concernente à posse das tecnologias de ler e escrever e sobre o letramento social que se refere ao fenômeno cultural que envolve a língua escrita e suas exigências sociais tanto numa perspectiva progressista, quanto na perspectiva radical. Na perspectiva progressista letramento é definido em termos de habilidades necessárias para que o indivíduo funcione e, na radical, é um conjunto de práticas socialmente construído que envolve a leitura e a escrita geradas por processos sociais mais amplos. Assim, cada instituição exige um tipo diferente de letramento e, dependendo de cada um deles, o sujeito pode ser excluído ou não da sociedade da qual faz parte. Na escola, espera-se que o sujeito tenha noções de leitura e escrita e consiga fazer inferências relacionando o que traz consigo do mundo exterior com as vivências em sala de aula; as demais instituições, entretanto, apesar de valorizarem a leitura e a escrita, estimulam no indivíduo a exteriorização das experiências adquiridas em todas as etapas da vida, demonstrando que o conhecimento de mundo tem grande importância na formação pessoal e cognitiva.

De acordo com Marcuschi (2001b, p. 25), investigar o letramento é observar práticas linguísticas em situações em que, tanto a escrita como a fala, são centrais para as atividades comunicativas em curso, ou seja, para o autor, fala e escrita estão imbricadas, sendo assim, a capacidade de ler e escrever torna o indivíduo capaz de comunicar-se e interagir com seus pares.

Para a UNESCO o conceito de letramento é muito flexível e pode cobrir todos os níveis de habilidades, de um mínimo absoluto a um máximo indeterminado. O sujeito que consegue comunicar-se através de um bilhete simples é letrado, assim como aquele que consegue produzir um texto e relacioná-lo com outros textos. A dimensão de conhecimento entre um e outro pode distanciá-los, mas a noção de leitura e escrita está equiparada, pois ambos sabem ler e escrever.

Freire (1976), afirma que o letramento deve promover a mudança social. O autor vê o sujeito letrado como alguém no mundo e, estando no mundo ele tem condição de intervir e refletir sobre as mais variadas situações.

Nessa perspectiva, existe letramento na oralidade?

Se a oralidade consiste em transmitir oralmente os conhecimentos armazenados na memória adquiridos durante a vida, qual a relação entre letramento e oralidade?

Com base nas afirmações anteriores sobre letramento, pode-se afirmar que a oralidade é um evento de letramento, uma vez que a partir da fala o sujeito transmite informações, adquire conhecimentos e interage com seus pares.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 67) afirmam que:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania.

Em consonância com os PCNs, Marcuschi (2001a) diz que a oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundadas na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.

O importante é valorizar as potencialidades do indivíduo demonstrando que todo conhecimento é válido, independente de sua formação intelectual, e que é possível extrair de cada ser humano uma forma diferente de ver a vida e a realidade; essa realidade pode ser subvertida com base no conhecimento de mundo que cada um traz consigo, através das experiências adquiridas nas diversas etapas vividas, e a exploração dessas experiências no círculo de leitura na Tertúlia Literária exerce essa função no âmbito escolar. Assim, oralidade e letramento são eventos que promovem a interação do sujeito com o mundo em que vive e estimulam a capacidade de atribuir múltiplos sentidos às relações estabelecidas entre ele e a sociedade como um todo.

3 A Tertúlia Literária e sua inserção no ambiente escolar

A Tertúlia surgiu na Europa no século XIX com o propósito de reunir pessoas que gostavam de ler. Como nesse período não havia energia elétrica nem aquecedor, o inverno na Europa forçava as pessoas a ficarem em casa aquecidas pelas lareiras e fazendo suas leituras. Entretanto, esses leitores sentiam-se solitários e começaram a frequentar os bares em busca de companhia e bebidas para se aquecerem. As conversas surgidas a partir desses encontros é que deram início às primeiras tertúlias. Entre essas pessoas sempre havia um artista que se destacava e os ouvintes, entusiasmados com o talento do artista, combinavam novos

encontros. Assim, encontros antes casuais, passaram a ser cada vez mais frequentes e famosos bares em Barcelona e Madri passaram a abrigar a reunião dessas pessoas que gostavam de ler, recitar poesias, cantar e socializar suas experiências.

Com base nesse modelo de leitura, a Tertúlia Literária na escola demonstra ser uma forma de inserção da família no ambiente escolar, socializando saberes, adquirindo experiências e demonstrando que, independente do grau de escolaridade, todos podem contribuir para a ampliação de conhecimento do outro através das vivências individuais no ambiente do qual cada um faz parte, afinal, a linguagem se materializa através dos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam. A língua existe em função do uso que locutores e interlocutores fazem dela em situações de comunicação.

Nas décadas de 20 e 30 durante um regime ditatorial na antiga União Soviética, os amigos Bakhtin, Volochivov e Medvedev se reuniam para socializar seus conhecimentos, escrever e resistir à visão totalitária de Stalin. Esses encontros conhecidos hoje como círculos bakhtinianos eram realizados com o propósito de falar sobre a linguagem e como esta era e continua sendo a forma mais completa de transpor a realidade e promover a consciência humana. Foi através dessa experiência iniciada por Bakhtin e pelo modelo de leitura proposto pela Tertúlia Literária do século XIX que a ideia dos círculos literários nasceu, mostrando que a valorização do conhecimento de mundo e o hábito da leitura compartilhada além de ampliar a visão dos docentes que mediam os encontros, resgatam as práticas orais pouco valorizadas no ambiente escolar.

Autores com Chartier (1996) e Soares (2002) falam sobre a importância de valorização da leitura e vinculam essa prática ao letramento, demonstrando que um indivíduo que lê é capaz de compreender o mundo a sua volta. Freire e Macedo (1990) afirmam que a leitura deve vir precedida da leitura de mundo e deve transformar o sujeito em um ser crítico e reflexivo, capaz de extrair de suas experiências um conhecimento que extrapole uma visão de mundo fragmentada e sem contexto.

Stella (2013, p. 178) afirma que:

Desde as primeiras décadas do século XX, nos trabalhos de M. Bakhtin e seu Círculo não somente a palavra, mas também a linguagem em geral, é concebida e tratada de uma forma ou de outra, levando-se em conta sua história, sua historicidade, ou seja, especialmente a linguagem em uso. Isso significa que, no pensamento bakhtiniano, a palavra reposiciona-se em relação às concepções tradicionais, passando a ser encarada como um elemento concreto de feitura ideológica.

A palavra, assim como a linguagem, torna-se concreta porque retrata a vida e as experiências adquiridas durante as vivências cotidianas. Ainda segundo o autor supracitado “[...] palavra é produto ideológico vivo, funcionando em qualquer situação social tornando-se signo ideológico porque acumula as entoações do diálogo vivo dos interlocutores com os valores sociais [...]” (p. 178).

Os círculos literários realizados nos encontros da Tertúlia são, de fato, a palavra em funcionamento, a linguagem tornando-se concreta contribuindo para que “Eu” e o “Outro” unam as vozes em um dizer compartilhado, ampliado por meio da interação e do diálogo.

Sobre essa experiência, Faraco (2009, p. 61) retoma o Círculo de Bakhtin e afirma que “[...] no caso específico da interação face a face, o Círculo de Bakhtin se ocupa não com o diálogo em si, mas com o que ocorre nele, isto é, com o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali”.

O significado de cada comentário, de cada intervenção, das vozes que se misturam e encontram respostas em outras vozes, a noção de respeito ao turno do outro, a atitude responsiva que espera reação ao que foi dito, como uma resposta a uma pergunta que não foi feita, tudo isso pode ser vivenciado na Tertúlia e nos círculos literários. É a circulação da palavra que torna a interação tão completa e ao mesmo tempo incompleta, porque cada encontro busca no outro o complemento do que foi deixado sem resposta ou elabora nova pergunta que precisa ser respondida. É, efetivamente, o lugar onde a palavra circula.

De acordo com Bakhtin (1992, p. 392),

Não existe nem a primeira nem a última palavra, e não existem fronteiras para um contexto dialógico (ascende a um passado infinito e tende para um futuro igualmente infinito). Inclusive os sentidos passados, ou seja, gerados nos diálogos dos séculos anteriores, nunca podem ser estáveis (concluídos de uma vez para sempre, terminados); sempre vão mudar renovando-se no processo posterior do diálogo.

Nesse sentido, como a escola tem contribuído para fazer a palavra circular? De que forma a família participa das atividades de leitura e compartilhamento de saberes? A interação da família nos círculos de leitura contribui para a qualidade de leitura dos estudantes?

Esses questionamentos não dão conta das inquietações que mobilizam os encontros da Tertúlia Literária, nem abordam a dimensão da importância desses encontros, uma vez que a forma de inserção da leitura nas escolas não acontece da mesma maneira. Entretanto, a participação das famílias no círculo literário, além de aproximar essas duas grandes instituições (família e escola), contribui para que a leitura (palavra) circule da escola para a

casa e vice-versa. Além, é claro, de contribuir para que as famílias tragam para a escola suas vivências diárias, seu conhecimento de mundo, suas experiências e façam relação entre as situações vividas por cada uma delas com os textos lidos e os comentários tecidos.

Sobre isso, Kramer (2007, p. 185) afirma,

[...] na palavra estão presentes o sentimento, a emoção, o calor; mas estão presentes também o movimento na e da história, as contradições da vida social, os preconceitos e estereótipos, a exclusão e a possibilidade da contestação, da memorização e do diálogo. A palavra é tensa, pois, valente e ambivalente, palavra que tem franjas por dizer para além do que diz, palavra que carrega sempre um conteúdo ideológico e vivencial, marcada que é pelos muitos significados que historicamente ela vai absorvendo, que nela vão se impregnando.

A palavra é, então, o elemento que mantém a história viva e atual, que permite que as vozes, mesmo silenciosas, passem uma informação, deem uma resposta buscando na interação face a face, a concretização da linguagem e a socialização dos saberes.

4 Os círculos literários e a integração família/escola

A participação da família no âmbito escolar está, gradativamente, entrando em declínio. Os pais já não percebem a relevância do trabalho em parceria que as duas maiores instituições (escola/família) formadoras de opinião precisam constituir para garantir que as gerações futuras tenham uma estrutura emocional e cognitiva estável.

Para Rego (2003), a escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão.

Ambas as instituições precisam influenciar os jovens de forma positiva e o incentivo à leitura é uma delas.

Entretanto, tem-se percebido que a realidade está distante do objetivo almejado, ou seja, o nível de leitura dos estudantes está aquém do esperado e a diminuição do hábito de ler se deve ao fato de que a família também não conserva esse hábito.

Pensando nisso, surgiu a ideia da criação dos círculos literários com a participação da família remontando o modelo da Tertúlia Literária surgido na Europa no século XIX, com o propósito de socializar os textos, dialogar com a família sobre a interpretação feita por cada um dos participantes dos encontros e fazer com que esses mesmos textos transitem pelo ambiente familiar ampliando a visão explorada durante os comentários tecidos na escola e levando as “vozes” ouvidas, silenciosas e proferidas para o círculo familiar.

No primeiro encontro, um texto é lido e comentado, tomando o cuidado de moderar a intervenção de cada participante para que não haja alguém que fale demais ou outro que não fale nada. Geralmente todos ou alguns participantes fazem relação com outro texto, música ou história que já ouviram, fazendo um trabalho intertextual e, ao final do encontro, o moderador faz uma retrospectiva de tudo que foi realizado durante o encontro para sistematizar as ideias discutidas. Ao final, é distribuído um texto que os pais devem levar para casa, ler e comentar com os filhos, incentivando o hábito de ler e retomando a prática de contação de histórias, esquecido com o tempo.

Essa experiência mostra que a relação família/escola pode ser estreitada, além de propiciar um momento de leitura em família e despertar a curiosidade dos jovens. Os resultados são percebidos na sala de aula através dos comentários e atitudes do estudante.

Estudos realizados por autores como (Fonseca, 2003; Marques, 2002) demonstram os benefícios da integração família e escola, particularmente, quando projetos como a Tertúlia Literária abrem espaço para a participação familiar e reconhecem os papéis diferenciados de ambas no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, além de determinar as implicações deste envolvimento para o desenvolvimento social e cognitivo e o sucesso escolar do aluno.

De acordo com Mattar (2007), “o desafio está em desenvolver uma parceria de forma construtiva, estabelecendo espaços apropriados para a participação responsável dos pais, de acordo com suas possibilidades e habilidades.” Para isso o desenvolvimento de projetos que demonstrem a importância da parceria entre escola e família no processo de ensino/aprendizagem se faz necessário e o círculo de leitura demonstra que iniciativas como essa contribuem de forma significativa para a integração da família à escola e, conseqüentemente, para a aprendizagem dos estudantes que terão na família um suporte e um exemplo.

Para Lahire (1997, 17), “[...] a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo”, ou seja, os membros da família. Se a relação for de responsabilidade e comprometimento, a qualidade dessa interação será observada também na escola. E ainda ressalta, “[...] suas ações são reações que “se apoiam” relacionalmente nas ações dos adultos que, sem sabê-lo, desenham, traçam espaços de comportamentos e de representações possíveis para ela”. Em outras palavras, as ações da criança são “espelho” das ações da família. Assim, vendo os pais lendo, os filhos também desenvolverão o hábito de ler.

Os círculos literários são realizados na unidade escolar a cada quinze dias e reúnem quatro professores responsáveis pelo projeto e dez mães de alunos que leem e comentam textos literários e socializam saberes através da relação intertextual com experiências anteriores. Como a proposta é recente (tem apenas oito meses de iniciada), a quantidade de participantes ainda é restrita, além de alguns pais não poderem participar por causa de suas atividades laborais. Entretanto, todos os pais ao tomar conhecimento sobre o projeto, sentiram-se motivados a participar, o que faz os professores envolvidos no projeto, imbuídos no propósito de encontrar uma forma de envolver toda a família.

Existe também a possibilidade de ampliar a participação para os alunos do ensino médio, por perceber o interesse deles em se envolver nas atividades de leitura.

Percebe-se esse interesse pela falta de oportunidade que os alunos têm em se expressar oralmente nas atividades em sala de aula e também pela necessidade que eles demonstram ter de serem ouvidos e ouvirem as experiências de pessoas mais velhas.

A prática da oralidade deve ser incentivada na escola e as vozes da família e do estudante precisam ser ouvidas porque são esses sujeitos que contribuem para a significação do trabalho docente. Apenas o incentivo à escrita não consegue mais dar conta das exigências cotidianas porque o letramento está presente em todo lugar, em qualquer instituição.

Castilho (1998), diz não acreditar mais que a função da escola seja concentrar-se apenas no ensino da língua escrita porque se houvesse uma maior concentração na reflexão sobre a língua que falamos, descobrir-se-ia a importância da língua falada e que esta contribui para a aquisição da língua escrita, ou seja, oralidade e letramento são necessários para que o sujeito tenha proficiência na língua escrita e, por isso, esses eventos devem ser incentivados não só no espaço escolar como em outras instituições das quais esses sujeitos participam.

Sendo assim, socializar leituras, trocar experiências, valorizar o conhecimento do outro, independente de sua formação acadêmica, são ações imprescindíveis para o estreitamento da relação família/escola, além de demonstrar que letrados e não-letrados têm muito a contribuir para o crescimento pessoal e intelectual de seus pares.

5 Considerações finais

Os círculos literários surgiram com base em experiências do século XIX, tiveram sua importância confirmada no hábito de reunião promovida por Bakhtin e seus amigos e atualmente, no século XXI, reafirmam sua importância em atividades de socialização de leituras e saberes.

Cada participante tem uma parcela significativa dos créditos pelo êxito do projeto, pois todos contribuem de forma singular para que dê certo. Cada comentário, intervenção, exemplo que é dado, transforma os encontros em um ganho para todos os participantes, sejam eles os pais ou os professores. Apesar do pouco tempo de execução, é possível afirmar que o projeto tende a crescer e ampliar a quantidade de partícipes. Além disso, existe uma expectativa de que a participação da família na escola contribua para a melhoria da qualidade de leitura dos estudantes e também promova uma mudança positiva no comportamento e atitude desses jovens na e diante da vida e do mundo.

A escola precisa, então, dialogar com a família no intuito de integrá-la às suas atividades promovendo a interação entre as duas maiores “agenciadoras de letramento” parafraseando Kleiman (1995).

Bakhtin (1979, p. 109) também afirma:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Assim, não se pode entender a escola sem a participação da família nem é possível conceber a linguagem sem a valorização da oralidade e do conhecimento que cada sujeito traz consigo, eis porque a execução e manutenção dos círculos literários são tão importantes nos estudos de letramento e na socialização dos saberes.

6 Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CHARTIER, R. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.
- FONSECA, M. **Projeto político pedagógico e o Plano de Desenvolvimento da Escola: duas concepções antagônicas de gestão escolar**. (2003) Cadernos do CEDES, 23, 302-318.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 10ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001(a).
- MARCUSCHI, L. A. (et al); SIGNORINI, I. (Org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001 (b).
- MARQUES, R.. **Professores, família e projeto educativo**. Coleção: Perspectivas actuais em educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2001.
- MATTAR, Cida. **Os desafios do educador contemporâneo**. (2007), Disponível em <http://www.montesiao.pro.br/estudos/crianca/escolapincipios/contemporaneo.html> Acesso em 26 de agosto de 2012.
- REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. 5 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

STREET, B. V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Org.) **Cultura, escrita e letramento**. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2010.